

A MEDIAÇÃO NOS EVENTOS DE LETRAMENTO EM BIBLIOTECAS E SALAS DE LEITURA

MARTINS, Aracy - FAE/UFMG

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita/n. 10

Agência Financiadora: Subprojeto CNPq

*Tenho que vender bem o meu peixe.
Meu peixe é o livro, a literatura, a informação.*

Auxiliar de Biblioteca C2, 2003

INTRODUÇÃO

Tendo tido a oportunidade de pesquisar dois tipos de sujeitos importantes nos processos de formação de leitores no ambiente escolar - leitores alunos alfabetizando e leitores professores -, a pesquisa de que este texto trata enfoca o terceiro sujeito igualmente importante nesse processo – o **auxiliar de biblioteca**¹ –, que pode estabelecer uma interlocução entre as obras e os leitores, em eventos de letramento, em lugares privilegiados fora de sala de aula: a biblioteca e sala de leitura, enquanto espaços que colaboram para o desenvolvimento de atitudes e disposições favoráveis à leitura.

Considerando a relevância do papel do auxiliar de biblioteca como mediador no planejamento e execução de eventos de letramento, no interior de projetos interdisciplinares de formação de leitores que venham a ser implementados pela escola como um todo, a proposta neste texto é tentar estabelecer uma relação entre a sua trajetória de formação, as estratégias de formação da secretaria de educação e as práticas de formação de leitores que esses sujeitos conseguem construir no seu cotidiano, na interação com professores, alunos, os demais profissionais da escola e a comunidade.

¹ Cargo da rede municipal de Ensino de Belo Horizonte, preenchido por pessoas com qualquer habilitação no ensino médio e, portanto, sem uma formação específica, seja na área educacional, seja na área da leitura.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar não somente as condições dadas pela trajetória de formação, mas também aquelas dadas pelas condições de formação em serviço dos auxiliares de biblioteca da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, no sentido de considerar as práticas de leitura significativas desses auxiliares, no interior dos projetos interdisciplinares das escolas municipais, procurou-se, em primeiro lugar, o setor de formação desses funcionários da Secretaria Municipal de Educação; em segundo lugar, algumas Bibliotecárias, que orientam o trabalho em cada uma das escolas-pólo; em terceiro lugar, a participação no Encontro de Auxiliares de Biblioteca, realizado em dezembro de 2001. Todos esses contatos apontaram diversos tipos de formação, que fez com que fossem estabelecidos três grupos:

- Auxiliares de biblioteca com alguma formação na área da Leitura: Comunicação Social, Letras, Pedagogia, etc. (cursos superiores)
- Auxiliares de biblioteca sem uma formação específica na área, com curso superior de Matemática, Ciências Contábeis, Direito, etc.
- Auxiliares de biblioteca sem uma formação específica na área, com Curso Médio (escolaridade mínima exigida para inscrição no concurso público)

Assim, foram selecionadas cinco escolas da rede municipal, onde se encontravam profissionais com esses tipos de formação. Ressalta-se ainda que foram encontrados, atuando nas bibliotecas, estagiários, ou seja, alunos que cursam o Ensino Médio e fazem estágios nas escolas, bem como professores “de laudo”, geralmente portadores de laudo médico.

Os instrumentos utilizados - questionário unificado, entrevista para complementação dos dados do questionário, observação da pesquisadora nas bibliotecas das escolas – permitiram que fosse possível ter uma visão mais geral, considerando os auxiliares de biblioteca em seu conjunto, e uma visão particularizada, considerando as especificidades de cada sujeito em atuação.

O estudo dos dados da pesquisa vão nos propiciar conhecer mais de perto quem são esses auxiliares de biblioteca, quais as suas funções, qual a relação que estabelecem com alunos e professores da escola onde trabalham, quais são as suas táticas engendradas no espaço de trabalho para propiciar condições para eventos de letramento, a despeito das condições de formação e de trabalho dadas.

A categorização dos dados tirará proveito de certas caracterizações feitas pelos próprios auxiliares de biblioteca, na tentativa de explicitarem a si mesmos, no interior dos projetos de formação de leitores, onde se encontram.

QUEM SÃO ESSES SUJEITOS?

O auxiliar de biblioteca é visto pela maioria da escola como alguém que não faz quase nada, às vezes fica o dia inteiro lendo livros e revistas'... e não percebem que faz parte do trabalho da biblioteca atualizar-se constantemente.

Auxiliar de Biblioteca B1

Em 1989, Ezequiel Theodoro da Silva já perguntava: “Quem deve cuidar da biblioteca escolar?”, ao que ele próprio apontava duas esferas de responsabilidade: a primeira esfera, abrangente como são as políticas e os projetos de formação de leitores – uma tarefa de todos.

- *se assumida coletivamente, tendo em mira a encarnação da leitura na vida dos estudantes, então a biblioteca escolar é “tarefa de todos” (diretor, supervisores, orientadores, professores, alunos e pais) sem distinção. Existe, neste caso, uma preocupação voltada à construção e o incremento de uma atmosfera geral, propícia à prática da leitura na escola. Quebra-se, assim, a visão compartimentalizada do contexto escolar – a biblioteca, por servir a todos, transforma-se numa obra de todos;*

Naquele momento histórico, quando ainda não se abordavam os pressupostos de eventos de letramento (cf. Soares, 1998), as escolas se debatiam quanto ao profissional que deveria exercer tal responsabilidade. Certamente aqueles que tinham formação para isso, mais o bibliotecário do que o professor, mesmo porque este último faria esse papel, se estivesse desviado de suas funções, ou pelo fato de ser muito bom formador de leitores, ou pelo fato de ter sua saúde abalada. O que se perguntava, então, era se alguém de saúde abalada teria condições de *acompanhar todos os passos do processo de dinamização da leitura no contexto da escola?*

A segunda esfera de responsabilidades requer um sujeito em condições de *gerar influências e conjugar esforços* pela leitura, na comunidade de leitores:

- *o responsável pela biblioteca, seja ele professor ou bibliotecário, trabalhará no sentido de gerar influências conseqüentes na comunidade de leitores, “mantendo a casa em ordem” e conjugando os seus esforços com os do corpo docente e da comunidade. Nestes termos, o bibliotecário não se coloca como um mero “atendente”, mas como alguém realmente preocupado em acompanhar todos os passos do processo de dinamização da leitura no contexto da escola.*

Os auxiliares de biblioteca pesquisados acreditam não ser meros atendentes, acreditam-se capazes de manter a casa em ordem e de dinamizar a leitura no seu contexto de trabalho - a fim de proporcionar aos

leitores condições de propícias de leitura, antes mesmo de passarem pelo processo de alfabetização- , principalmente se lhe forem oferecidas condições de trabalho e de formação, como veremos a seguir, em suas declarações.

Condições de mediação em bibliotecas e salas de leitura pelos auxiliares de biblioteca

A partir de uma leitura panorâmica, serão apresentados aqui alguns aspectos como exemplo daquilo que merece uma reflexão mais acurada, no acompanhamento feito em cinco bibliotecas escolares, presenciando um acúmulo de atividades realizadas em pequenos espaços de tempo.

Sobre suas condições de trabalho

Em situação de entrevista semi-estruturada, a auxiliar de biblioteca C1 chamou a atenção para a importância dessa *grande iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte* ao instituir o cargo de auxiliar de biblioteca.

Não se pode negar o mérito de tal iniciativa, no interior dos projetos da proposta político-pedagógica da Escola Plural, entretanto nem sempre os auxiliares de biblioteca comungam com a opinião de C1, pois considerariam mais pioneiro ainda um trabalho que instituisse, mas que, sobretudo, mantivesse e aperfeiçoasse as habilidades das pessoas que ocupam esse cargo.

De fato, além do serviço burocrático de catalogação e de organização da biblioteca – útil e necessário para a orientação dos leitores-, encontra-se, segundo essa mesma auxiliar de biblioteca, um trabalho rico, pois estabelece para o auxiliar de biblioteca, por um lado, um contato intenso com os alunos e professores e, por outro lado, uma necessidade de se atualizar constantemente.

ORGANIZAÇÃO: cadastrar usuários; operar empréstimos, devolução, renovação e reserva; organizar livros nas estantes; catalogar o acervo: livros, fitas e mapas; recuperar e executar pequenos reparos; operar equipamentos audiovisuais; organizar e atualizar a hemeroteca; acusar recebimento de doações e permutas; elaborar oficinas diversas; promover atividades de dinamização e visitas programadas; coletar dados estatísticos das tarefas realizadas; escolha e compra de livros.

INTERAÇÃO: atender alunos, professores, funcionários e pais; auxiliar nas pesquisas dos alunos; auxiliar nas atividades de dinamização e visitas programadas;

Assim, os auxiliares de biblioteca desfilam as atividades realizadas na/pela biblioteca, em que se percebem atividades de organização, de interação, havendo divergências entre os sujeitos pesquisados quanto ao papel da sua atuação, a saber:

Quanto às vantagens e desvantagens apresentadas por eles, as vantagens da ordem da interação preponderam para aqueles auxiliares de biblioteca mais otimistas e mais idealistas quanto ao significado do seu trabalho. No entanto, o otimismo se arrefece, na medida em que esses auxiliares percebem as implicações sócio-econômico-culturais de uma interação, mediante os jogos de poder no interior da escola.

VANTAGENS:

Da ordem da interação: Transformar a biblioteca em espaço prazeroso e dinâmico; facilitar o trabalho dos professores; contribuir para a formação de leitores; obter e promover acesso a informações e literaturas; possibilidade de colocar em prática o que se estuda na faculdade; conviver com muitas pessoas e aprender com isso; contato com vários tipos de cultura, o que amplia o conhecimento; a biblioteca se tornar ambiente prazeroso e dinâmico com informações atualizadas e organizadas.

De ordem institucional: carga horária de 6 horas;

DESVANTAGENS:

Da ordem da interação: Pertencer ao Projeto Pedagógico da escola apenas quando isso é do seu interesse (por exemplo, participar de sábados letivos, mas não usufruir do recesso em julho); desprestígio do cargo; falta de respeito ao cargo (alguns professores pedem para tomar conta de alunos de castigo); auxiliar de biblioteca ser visto como alguém que não faz quase nada, *às vezes fica o dia inteiro lendo livros e revistas*, sem a percepção de que faz parte do trabalho a atualização constante; repasse de tarefas extras: aluno de castigo, digitação de trabalhos.

De ordem institucional: Não pertencer ao quadro de magistério (nem administrativo, nem cargo técnico); salário muito baixo; sem plano de carreira; grande quantidade de trabalho e pouco investimento da Prefeitura na capacitação para que os auxiliares de biblioteca possam promover atividades culturais, como é a proposta; não poder fazer extensão de jornada; ser substituído por estagiário; falta de segurança (computadores e equipamentos foram roubados).

O que se torna mais gritante é o desprestígio do cargo. Numa interação que se pretendia simétrica, os professores exercem o seu poder simbólico. Nas palavras de A1, *os professores estão hierarquicamente superiores. Auxiliares de biblioteca, auxiliares e faxineiras são considerados menos importantes, têm menos poder.*

Por um lado, talvez por essa razão, batalhas do campo educacional enfrentadas na escola muitas vezes funcionam como táticas diferenciadas de abordar temas polêmicos para os quais a instituição escolar não tem encontrado soluções. Como exemplo, afirma A2: *outro problema enfrentado por nós é o fato de mandarem alunos para a biblioteca como castigo, para fazerem cópia. (...) Eu busco contornar o problema, oferecendo ao aluno algum livro interessante ou revista em quadrinhos (ou jornal), mas os coordenadores ficam irados quando vêem que o aluno não está fazendo a cópia que ele mandou.* Outras vezes, certas táticas parecem estar fadadas à descrença e à desistência, mas na verdade permanecem na latência daquilo que o cargo permite que a auxiliar de biblioteca B1, por exemplo, realize no seu espaço: *quanto ao castigo, não discuto mais. Fico tomando conta: eu converso, ouço as histórias das crianças, deixo ler, deixo arrumar os livros, deixo ler alto pra mim. Só interfiro quando não dá. Se você interferir, você é repreendida.*

Por outro lado, no que tange às tarefas relativas à organização da biblioteca, arrolam-se praticamente as mesmas, já que se trata de atribuições do cargo. Todavia o que se destaca são as divergências em relação à interação, ou seja, à qualificação da atuação dos auxiliares de biblioteca, em sua relação com a escola como um todo.

DIVERGÊNCIAS:

- **colaborar** nos projetos realizados pela escola / **auxiliar** nas atividades de dinamização e visitas programadas /
- **elaborar** eventos que incentivam a leitura / **montar projeto** de incentivo à leitura.

Discursivamente, há uma grande diferença entre as ações acima destacadas. Enquanto algumas auxiliares de biblioteca consideram que a sua função é apenas de colaborar ou de auxiliar, numa postura mais passiva, outras (a exemplo de A1 e C2 – isto é, uma da área de Letras e a outra com apenas Ensino Médio) consideram-se sujeitos ativos no processo de formação de leitores, que vão elaborar eventos, montar projetos, ainda que em interação com os profissionais da escola.

Em outro extremo, encontram-se posturas, como as de B1, que chega a colocar a biblioteca como sujeito da voz passiva, em que os agentes serão outras pessoas e não a própria auxiliar de biblioteca, que atua em uma escola de periferia cujos alunos, alfabetizados ou não, precisam usufruir mais ainda - por *não ter acesso ou incentivo no ambiente familiar* - de espaços e momentos de letramento que propiciem contato direto com gêneros diversos em situações descontraídas.

Não existe na escola nenhum projeto político pedagógico – o primeiro está sendo elaborado este ano – desde que eu entrei. Assim, a biblioteca não foi

até hoje envolvida em nenhuma atividade escolar. Alguns professores trabalham com suas turmas, às vezes, em atividades que envolvem a leitura de um livro. Quando acontece, eu ajudo a escolher os livros, tento falar para os alunos da importância da leitura, etc. mas é difícil se a escola inteira não trabalha com um mesmo objetivo, além da maioria dos alunos da comunidade escolar não ter acesso ou mesmo incentivo no ambiente familiar. B1

Essas estratégias de apagamento do sujeito, já estudadas por Rojo (1999), ainda que registradas neste texto por um outro ponto de vista, acabam se tornando um outro tipo de ancoragem enunciativa disjunta. No referido texto, a autora, considerando os tempos verbais passado/presente, afirma que, *na ancoragem conjunta, trata-se de utilizar a linguagem para falar do mundo no qual se age* (grifo nosso). Aqui estaríamos considerando voz ativa verbal em detrimento da voz passiva, para salientar o movimento feito por algumas auxiliares de biblioteca na direção da construção da sua autonomia, na interação com os outros sujeitos da escola.

Além disso há, nas falas dos auxiliares de biblioteca, outros indícios de ancoragem enunciativa, por exemplo, no momento em que são perguntados sobre que sugestões dariam a respeito das atividades de formação oferecidas pela Prefeitura. No discurso, uma auxiliar de biblioteca, numa atitude disjunta, fala do seu próprio papel e do papel da Prefeitura, usando a terceira pessoa. Em contrapartida, ao responder a mesma pergunta, outras duas se incluem, com o uso explícito da pessoa verbal, ou pronominal, de primeira pessoa do plural:

A prefeitura deveria se preocupar mais com a condição das bibliotecas e depois elaborar cursos. Se não tem verba nem para comprar livros, o que fazer com um curso de reforma deles? Se tem somente um auxiliar de biblioteca na escola para os três turnos, que horas ele vai separar artigos e formar uma hemeroteca? B1

Acho importante porque é uma base, apesar de pouca, para o trabalho. Penso que deveríamos fazer mais cursos, oferecidos pela Prefeitura, visando a nossa formação como formadores de leitores, já que a Prefeitura quer que façamos atividades culturais para promover a leitura. A3

Gostaria muito que as questões (problemas) levantados nos congressos “Encontrões” recebessem mais atenção e se possível solução, para a melhoria do nosso trabalho. C2

Vale lembrar que, ao arrolar as atividades de formação em serviço promovidas pela Prefeitura, a auxiliar de biblioteca C2 fez questão de ressaltar uma atividade em que ela e outros pares se incluem como sujeitos ativos, fazendo, carinhosamente, uma brincadeira lingüística quanto ao nome da atividade:

Congresso “ENCONTRÃO” – onde COMPARTILHAMOS experiências.
C2

Todos os fatores acima acabam, de certa forma, nos processos de formação de leitores deflagrados por esses auxiliares de biblioteca, em eventos de letramento, influenciando as possibilidades de *mobilidade* (do acervo, do livro mesmo, dos equipamentos e outros meios de comunicação, da clientela) já preconizadas por Barker e Escarpit (1975), que alimentam a *fome de ler* dos leitores circundantes, em busca de seus desejos, *pelo resto da vida através da leitura* (p. 143).

Sobre as suas condições de formação:

Trajetórias

Como criança leitora, minhas lembranças se voltam para a biblioteca da escola – espaço acolhedor, com livros de qualidade, sob a sábia orientação da professora Josefina Gaudenzi. A liberdade de escolha, o livre acesso às estantes, o direito de ir e vir a qualquer momento, sempre que o trabalho de classe permitia, fizeram da biblioteca o espaço do meu desejo. (Martinez, 2002:116).

Nem todas as auxiliares de biblioteca entrevistadas tiveram a biblioteca como espaço nem o livro como objeto do seu desejo desde a infância.

Trajetórias de Leitura

Livros lidos	Letras	Matemática, contábeis, direito	Ensino médio
Primeiro livro	Contos de fada Patinho Feio ou Chapeuzinho Vermelho <i>Vaquinha Mimosa.</i>	Lúcia já vou indo Não sei	A Ilha Perdida – M J. Dupré Heidy
Último livro	Não sei dizer Tremor de Terra	As mentiras que os homens contam - Luis Fernando Verissimo	
Está lendo	A insustentável leveza do ser Redação inquieta <i>Caderno H – M. Bandeira.</i>	Feminino e masculino – Rose Marie Muraro e Leonardo Boff	

Em suas trajetórias podemos ver sujeitos que não tiveram, na sua maioria, um outro significativo que lhes influenciasse a leitura na infância. Poucos ouviram ou leram contos de fadas ou livros infantis, vindo a ler, como primeiro livro, apenas na adolescência, por exemplo, *A ilha perdida* ou *Heydi*.

Quanto a suas leituras atuais, quando lêem (ver coluna do Ensino Médio), grande parte se restringe a auto-ajuda, a livros mais vendidos, ou a livros para o vestibular (*Tremor de Terra* e *Caderno H*)

Os critérios de escolha das obras oscilam entre “nenhum critério específico” até o gênero textual, passando por indicação de amigos, resumos, resenhas, etc.

Escolha	Letras	Matemática, Contábeis, Direito	Ensino Médio
Gênero Preferido	Crônicas Poesias Romances Área De Psicologia Histórias Verídicas.	Romance Espírita Auto-ajuda Quase todos, à exceção de literatura científica relacionada aos avanços da informáticas, carros, sondas espaciais e os de auto-ajuda extremamente pesados do tipo “Você pode ser feliz em 100 lições, etc”.	Romance Aventura Filosofia Psicologia
Como Escolhe	Lendo resumo Aceitando indicações amigos Referência a Autor – entrevista Gênero Aspecto visual do livro.	Indicações de conhecidos Comentários de Revista Folheando livros na livraria Nenhum critério específico	Indicações Autor Sinopse Devido à necessidade que tenho para informar os leitores que freqüentam a biblioteca

Os cinco melhores livros lidos, com exceção de A1 [que categorizou suas leituras em literatura infantil, literatura juvenil (motivações do trabalho), literatura brasileira, outros gêneros (motivação pessoal), apontando critérios mais claros] e suas colegas de Letras, restaram critérios de escolha mais vagos, como estilo, dilema, identificação com o personagem, ou indicação de outros sujeitos leitores.

Pouca experiência de leitura demonstram as auxiliares de biblioteca, em sua trajetória, o que indicia ser necessário um investimento redobrado em estratégias de formação. Entretanto, a auxiliar C2 mostrou-se sempre envolvida em contar e dramatizar histórias com as crianças, criando um clima produtivo e divertido para a leitura de obras na biblioteca. Semelhantemente, a auxiliar A1, trabalhando em uma Escola Infantil, foi aquela que, durante a pesquisa, canalizou sempre a discussão e as questões para a adequação do acervo, do mobiliário, da disposição tanto da biblioteca como da auxiliar de biblioteca para os eventos de letramento a serem propiciados ininterruptamente pela biblioteca, com espaço especial para sala de leitura, como se verá a seguir neste texto.

Formação em serviço

O tempo presente em suas trajetórias se caracteriza pelo ângulo a partir do qual as auxiliares de biblioteca enxergam o seu processo de formação em serviço. Algumas se restringem a citar apenas os cursos de formação inicial, da época da contratação, outras são capazes de comentar atividades muito variadas, algumas delas frutos de suas próprias reivindicações, como a denotar novamente um envolvimento do sujeito com o seu próprio processo de formação, com sua própria trajetória.

FORMAÇÃO EM SERVIÇO		
Letras	Matem., Contábeis, Direito	Ensino Médio
<p>Início-Curso: características do cargo, funções e atividades 2 em 2 anos-dez.-Seminário: discussões teóricas e troca de experiências Recente: cursos sobre LI Até hoje: 2 cursos: Preparação para o cargo Oficina Brincando com a Palavra Curso básico – 1semana: registro, catalogação e atendimento à pesquisa.</p>	<p>Cursos p/ Recuperação de livros Uso de materiais: jornais e revistas Atendimento à comunidade escolar Cursos de contação de histórias Palestras sobre a situação das bibliotecas</p>	<p>Capacitação de auxiliar de biblioteca Projetos de Literatura Infantil Contação de histórias Organização da biblioteca escolar Como contar histórias Pequenos reparos de livros Oficina de Artes Congresso “ENCONTRÃO” – onde COMPARTILHAMOS experiências Encontro com Bartolomeu Queirós Trabalhando Poesia-Neusa Sorrenti</p>

Assim, enquanto no primeiro grupo visualizam-se expressões como “início”, “até hoje”, “preparação”, “curso básico”, embora também apareçam uma oficina e um curso recente, no segundo grupo se acrescenta um curso de contação de histórias, o terceiro grupo vai desde as atividades já citadas pelos grupos anteriores até oficinas de artes e encontros ou oficinas com autores de livros para crianças, como Neusa Sorrenti e Bartolomeu Campos Queirós.

Aqui poderíamos perguntar se o primeiro grupo, por já ter uma formação mais voltada para a área da leitura se sente mais autônomo em relação ao processo de formação oferecida pela prefeitura, ao passo que o terceiro grupo, por se sentir menos preparado, reivindica e vai em busca da sua formação.

Sobre as condições da biblioteca:

Dois fatos chamaram a atenção da pesquisadora, por ocasião da coleta de dados, conforme abaixo se explicita, em seu diário de campo:

Estive em uma biblioteca de escola pública de 1^a a 4^a série (Biblioteca da escola 4), em que a auxiliar de biblioteca deplorava o fato de que as estantes eram todas baixas, dificultando a limpeza da servente e a arrumação da própria auxiliar. Nessa biblioteca os finos livros infantis, certamente sem lombada, são arrumados na vertical ou em grandes pilhas, ficando visível apenas o livro de cima.

Estive em outra biblioteca de escola infantil municipal (Biblioteca da escola 1), em que as auxiliares de biblioteca sugeriram que a escola mandasse confeccionar estantes baixas, em formato de “mostrador”, com a cara do livro para fora, para que os livros ficassem *expostos* (e não só “guardados”). Isso permitia que, além da etiqueta com letras coloridas, com nomes dos autores, como: Ana Maria Machado, Elias José, Eva Furnari, Leo Cunha, Marcelo Xavier, Monteiro Lobato,

Ruth Rocha, Ziraldo e outros, também os aspectos gráfico-visuais da capa pudessem ser visualizados pelas crianças. Mesmo as estantes de aço comuns tiveram as suas prateleiras inclinadas.

Esses dois exemplos servem de novo para demonstrar o quanto o envolvimento das auxiliares de biblioteca podem contribuir para a ambientação do seu espaço de atuação. A auxiliar de biblioteca da escola 1 foi aquela que, como já foi mencionado, com sua extrema preocupação em criar um ambiente propício de leitura para a criança, mesmo antes desta aprender a ler, permitiu deixar no título da pesquisa a expressão “salas de leitura”, como se verá logo abaixo a ambientação da biblioteca, segundo o ponto de vista das auxiliares de biblioteca de cada escola (1, 2, 3, 4, 5).

	AMBIENTAÇÃO DA BIBLIOTECA	AMBIENTAÇÃO DESEJADA
1	Prateleiras para que os livros fiquem expostos (e não só “guardados”) 3 mesas redondas com 4 cadeiras Tapete emborrachado – ouvir histórias TV e Vídeo	Maior número de livros(boa qualidade) Mais algumas estantes Arena para contação de história e dramatização.
2	Muito pequena Pouco ventilada Por falta de espaço, as estantes ficam perto das janelas. Impede de termos um ambiente arejado, esteticamente organizado Cinco estantes para literatura e paradidáticos Sete estantes para livros didáticos Às vezes os alunos sentam no chão porque não tem espaço para colocar cadeira	Acervo mais atualizado Espaço maior Jornais e revistas- interesse dos alunos Investir sempre no acervo- atualização/diversificação Espaço mais bonito, mais agradável, mais confortável para leitura, c/ tapetes, almofadas, sofás e móveis bem bonitos feitos pelos alunos
3	Afastada do pátio e das salas de aula Próxima ao bosque (um lugar de lazer e descanso para os alunos). Sala ampla, ventilada e bem iluminada. Estantes são construídas de alvenaria, nas paredes, o que disponibiliza o espaço central para mesas de estudo. Lugar aconchegante e de visitação constante.	Acervo pode ser aumentado e renovado com novidades do mercado. Gostaria que fosse mais no meio físico da escola, o que atrairia muito mais alunos para dentro dela.
4	Tamanho padrão das bibliotecas da Prefeitura Tijolinhos expostos – dificulta limpeza 9 mesas redondas com 4 cadeiras Livros expostos horizontalmente	Ambientes separados: pesquisa/turmas Estantes verticais Computador com acesso à Internet Programas de catalogação e empréstimo Mais de uma pessoa – atendimento
5	Pequena Agradável Boa localização na escola	O dobro da atual Que [o acervo] fosse maior, mais rico e mais cuidado pelos alunos

Nas caracterizações feitas pelas auxiliares de biblioteca, percebe-se uma preocupação com a exigüidade de espaço e do acervo, arejamento, localização, grande quantidade de livros didáticos (ver, por exemplo, na escola 2: cinco estantes para literatura e

paradidáticos, mas sete estantes para livros didáticos). No caso da auxiliar de biblioteca da escola 1, uma grande preocupação com um momento/espço propício para eventos de letramento de todos os leitores, a partir do leitores mirins.

Nas bibliotecas dos seus desejos, encontram-se não somente algumas compensações dos problemas enfrentados no dia-a-dia, mas também, e sobretudo, mostras de como a sua convivência e, provavelmente, os processos de formação pelos quais passaram os auxiliares de biblioteca apontam para outras perspectivas, tais como: arena para contação de histórias e dramatizações²; espaço mais bonito, mais agradável, mais confortável para leitura, com tapetes, almofadas, sofás e móveis bem bonitos; trabalho integrado com os alunos tanto na ambientação estética como na preservação do acervo; renovação do acervo com novidades do mercado; acesso à Internet.

As perspectivas apontadas pelas auxiliares de biblioteca abrigam uma preocupação em especial com as crianças que estejam passando por processos de alfabetização/letramento, processos indissociáveis, *complementares e inseparáveis*. Enquanto o primeiro é entendido como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia, entende-se *letramento* como o processo de inserção e participação na cultura escrita. (Ciclo Inicial, 2003:36). Nesse sentido, a ambientação, o acervo e a atuação de mediadores, no espaço escolar, serão fundamentais para o desenvolvimento de atitudes e disposições favoráveis à leitura pela vida afora dos leitores em formação.

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isto é importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo. (...)Para adquirir uma atitude descontraída com os textos, é importante também que o aluno manuseie livros e outros impressos, que tente ler e adivinhar o que está escrito. (id. Ibidem)

² No dia em que a pesquisadora esteve na escola 1, o acervo de uma outra biblioteca – do CEI: Centro de Educação Infantil – estava sendo deslocado para o andar superior. Por isso a biblioteca da escola 1 vai ocupar esse espaço disponibilizado pelo CEI, onde já existe um anfiteatro, nas condições desejadas pela auxiliar de biblioteca. Supõe-se que esse desejo tenha sido instigado por essa ambientação concreta, que por sua vez tenha sido objeto de reivindicações das auxiliares.

Expostas acima as condições de identificação dessa categoria, seja no processo de interação com outros profissionais da escola, seja nas condições de formação e nas condições de ambientação das bibliotecas, passemos ao aspecto mais relevante nesta pesquisa: como efetivamente os auxiliares de biblioteca visualizam a sua atuação no processo de formação de leitores, em eventos de letramento.

Sobre a atuação dos auxiliares de biblioteca em eventos de letramento

*Na biblioteca sempre tem uma solução,
uma luz.
Tem que ter alguém que conduza a luz
e não que a apague.*

Auxiliar de Biblioteca C2.

Pensando como a auxiliar de biblioteca A3 que a formação de leitores se insere no interior de outra formação mais abrangente, ou seja, a formação cultural dos sujeitos - a partir de representações, apropriações e artes de fazer (Chartier, 1990; De Certeau, 1994) dos sujeitos -, as perguntas do questionário demandaram respostas dos auxiliares de biblioteca sobre a sua contribuição nos seguintes campos do letramento: formação de leitores de modo geral, formação literária, formação estética, formação da autonomia dos alunos, participação em trabalhos interdisciplinares na escola.

Abaixo se encontram as contribuições do Grupo A – com formação em Letras – e do Grupo C – com formação de Ensino Médio, para a construção de atitudes e disposições de leitura nas crianças, em interação com materiais escritos em eventos de letramento na biblioteca e/ou sala de leitura.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUXILIARES DE BIBLIOTECA	
LETRAS	ENSINO MÉDIO
FORMAÇÃO DE LEITORES: Livros sem texto escrito Histórias em Quadrinhos Histórias de dar medo Contação de histórias pelos alunos Poesia Teatro Mural da Biblioteca (com produções dos alunos, resumos de obras e informações) Cantinho de Poesia Biblioteca aberta no recreio Biblioteca como lugar agradável	FORMAÇÃO DE LEITORES Hora do conto Livros infantis de fácil acesso Livros infantis dispostos de forma atrativa Que a biblioteca se torne um ambiente de prazer Poesias Cecília Meireles O palhaço na escola Projetos baseados em Literatura Infantil Teatro Como usar e cuidar do livro Atender bem

<p>Indicando bons livros (livros mais lidos pelo próprios alunos da escola) Pronta p/ atender anseios dos alunos Indicando ou procurando o livro do gênero que aluno está procurando.</p>	<p>Criar vínculo de amizade p/ indicar algo que eles gostem de ler</p>
<p>FORMAÇÃO LITERÁRIA Adquirir livros de boa qualidade Bons autores Diversos gêneros: contos de fadas, humor, poesia... Indicar obras interessantes Dizer que podem trocar, se quiserem Descobrir estilo/ autores-identificação Despertar p/ poesia, teatro, contos...</p>	<p>FORMAÇÃO LITERÁRIA Conhecendo obras e estilos Conhecendo alunos Dramatizando trechos de livros Acervo organizado - atender pedidos</p>
<p>FORMAÇÃO ESTÉTICA Chamar a atenção para a qualidade do material e ilustrações Comparar livros diferentes de uma mesma história – análise crítica.</p>	<p>FORMAÇÃO ESTÉTICA Histórias de cenas mudas Murais organizados e bem divididos Orientação das pesquisas–estética/organização</p>

<p>AUTONOMIA DOS ALUNOS Aluno escolhe livro para os pais lerem Alunos interpretam lacunas de histórias Alunos acrescentam vivências Alunos se posicionam nas histórias Não agir de forma autoritária Não impor aos alunos minha opinião Não impedi-los de ler certas obras Permitir total acesso ao acervo Aluno escolhe o livro que quer Permitir o manuseio do livro Permitir contato de direto com o livro.</p>	<p>AUTONOMIA DOS ALUNOS Informar como funciona a biblioteca para que eles localizem o que desejam Liberdade de escolha Questionando assuntos pesquisados Questionando livros já lidos Que eles construam moral da história</p>
<p>TRABALHOS INTERDISCIPLINARES Biblioteca é suporte para os projetos dos professores Exposição de livros Exposição de trabalhos dos projetos Murais produzidos pelos alunos Resenhas produzidas pelos alunos Poesias produzidas pelos alunos Professores passam pesquisas e trabalhos com livros literários, em que o aluno pode escolher o livro que quiser Em alguns casos, o professor separa os livros que quer que a turma leia. Quando o aluno pede, dou indicação de livros.</p>	<p>TRABALHOS INTERDISCIPLINARES Oferecendo materiais que complementem as aulas, se procurada Exposição de livros - complementares aos temas escolares Peças teatrais sobre conservação dos livros</p>

Materiais diversos, de diferentes gêneros expostos aos alunos, desde os livros de imagem, passando pelos quadrinhos, até os de narrativa escrita mais complexos, mediados com uma produção de leitura compartilhada e descontraída - como vêm realizando as auxiliares de biblioteca nas limitações das suas condições - podem levar a produções orais e escritas diferenciadas, garantindo não somente o aprendizado da escrita e dos diversos saberes, mas também produções livres e prazerosas, na construção da autonomia dos leitores em processo.

É de fundamental importância considerarmos as condições dadas, os processos de formação, as condições de atuação, toda vez que tivermos de analisar a mediação, em eventos de letramento, em processos de formação de leitores, inseridos em processos mais amplos de formação cultural.

REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Edson Gabriel Garcia (apud Abreu, 1995:150), discutindo as possibilidades de uma política pública para a leitura, defende que ela deve aparelhar-se com equipamentos e pessoas e que é preciso ter um corpo sólido, formado basicamente por três tipos de instituições: escolas, bibliotecas e centros culturais.

Cumprindo cada um o seu papel, esses três tipos de instituições poderão integrar ações no sentido de subsidiar os leitores em seus processos de formação. Walda Antunes (apud Abreu, 1995:138) visualiza uma preocupação com essa formação escolar de leitores, no sentido de que a escola integre a cultura em seu entorno, no momento presente da vida dos sujeitos, a fim de que a leitura lhes seja de fato significativa.

Entendemos que ao puxar os fios vem à tona a preocupação de ver a vida na escola, na sala de aula e não considerar a ação da educação e da escola como preparação para a vida. É preciso que a criança leia a vida, integre a escola à vida, leia a escola e use a leitura na vida.

Em se tratando da mediação nos eventos de letramento, nos processos de escolarização, torna-se fundamental considerar que

as disposições favoráveis à leitura manifestam-se pela adesão a práticas sociais próprias do universo da cultura escrita. Isso ajuda a escola a estabelecer objetivos gerais e abrangentes que façam a leitura ter sentido no espaço escolar, que propiciem a formação de um gosto estético e que dêem aos alunos conhecimentos para se sentirem à vontade no universo (espaço e tempo) em que os textos circulam.(Ciclo Inicial, 2003:36)

Tal mediação haverá de ter como perspectiva a possibilidade de que os eventos vivenciados em bibliotecas e salas de leitura sejam cada vez mais alargados, no sentido de buscar por outras práticas, como: utilizar livrarias e bancas como locais de acesso a livros, jornais, revistas; organizar espaços para realização de leituras, tais como canto de leitura, biblioteca de classe, jornais escolares, murais; realizar interlocuções com espaços virtuais, etc (id. Ibidem).

Enfim, podemos refletir não somente com Barroso – quando esta se refere aos bibliotecários -, mas também com as auxiliares de biblioteca pesquisadas, que fazem na escola, na verdade, o papel que seria dos bibliotecários:

Os bibliotecários não são servidores da escolaridade, porém podem ser considerados os agentes capazes de transformar o mundo particular dos

leitores. Eles oferecem acesso a um universo coerente ou a um tipo de poder capaz de estruturar a incoerência por meio da linguagem. Na verdade o bibliotecário expande o seu papel ao contribuir para que o usuário aumente a habilidade no processo de leitura. (Barroso, 2002:114).

De toda maneira, constatamos o quanto a maioria dos auxiliares de biblioteca, apesar das condições dadas, têm-se empenhado no sentido de *transformar o mundo particular dos leitores* – sejam eles crianças, adolescentes, professores, funcionários ou a comunidade ao redor da escola onde atuam -, em eventos de letramento, em processos de formação de leitores, no interior de processos de formação cultural, a partir das representações, das apropriações e das artes de fazer de sujeitos significativos, do ponto de vista do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

BARKER, Ronald E., ESCARPIT, Robert. Hábitos de leitura. *A fome de ler*. Tradução J. J. Veiga. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto Nacional do Livro, 1975, p. 115-147.

BARROSO, Maria Alice. A formação do leitor: um ponto de vista. In: SERRA, Elizabeth (org.). *Ler é preciso*. São Paulo: Global Editora, 2002 (Coleção Seminários FNLIJ).

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL, Editora Bertrand Brasil, 1990.

CICLO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO (versão preliminar)/Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Caderno 2 - *Alfabetizando*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2003.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. (Tradução de Ephraim Ferreira Alves) Petrópolis, RJ: Vozes, 1994..

MARTINEZ, Marina Quintanilha. A biblioteca e a formação do leitor. In: SERRA, Elizabeth (org.). *Ler é preciso*. São Paulo: Global Editora, 2002 (Coleção Seminários FNLIJ).

ROJO, Roxane. Elaborando uma Progressão Didática de Gêneros - Aspectos lingüístico-enunciativos envolvidos no agrupamento de gêneros “relatar”. *Intercâmbio*, 8, pp. 101-118. SP: LAEL/PUC-SP, 1999.

SERRA, Elizabeth (org.). *Ler é preciso*. São Paulo: Global Editora, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida? In: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Ed. Loyola, 1989, p. 25-33.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.